

The background of the cover is a stylized, hand-drawn illustration in black ink on a light blue background. It depicts a coastal town with a prominent castle or fortress on a hill. In the foreground, a large wooden boat with a complex rigging system is shown on the water. The style is reminiscent of a woodcut or a detailed sketch.

# VIAGEM E COSMOPOLITISMO

DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO  
Ana Isabel Moniz  
Joaquim Pinheiro  
Leonor Martins Coelho  
Alcina Sousa  
Cristina Santos Pinheiro



# VIAGEM E COSMOPOLITISMO DA ILHA AO MUNDO

PREFÁCIO DE GALIN TIHANOV

COORDENAÇÃO

**Ana Isabel Moniz**

**Joaquim Pinheiro**

**Leonor Martins Coelho**

**Alcina Sousa**

**Cristina Santos Pinheiro**

**nlms**

TÍTULO

VIAGEM E COSMOPOLITISMO: DA ILHA AO MUNDO

COORDENAÇÃO

Ana Isabel Moniz, Joaquim Pinheiro, Leonor Martins Coelho, Alcina Sousa e Cristina Santos Pinheiro

Filiação Institucional dos Coordenadores:

Universidade da Madeira

ASSISTENTE EDITORIAL

Alexandra Nunes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2021

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-610-4

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Abril de 2021

Depósito Legal:

481565/21

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Carmen Soares, Universidade de Coimbra

Eleonora Federici, L'Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"

Fernanda Mota Alves, Universidade de Lisboa

Gaia Bertoneri, Università degli Studi di Torino

Gonçalo Vilas-Boas, Universidade do Porto

Helena Carvalhão Buescu, Universidade de Lisboa

José M. Oliver-Frade, Universidad de La Laguna

José Manuel Esteves, Université Paris-Nanterre

Leonor Simas-Almeida, Brown University

Maria Luísa Leal, Universidad de Extremadura

Marta González González, Universidad de Málaga

Marta Teixeira Anacleto, Universidade de Coimbra

Miguel Ángel González Manjarrés, Universidad de Valladolid

Onésimo Teotónio Almeida, Brown University

Rodrigo Furtado, Universidade de Lisboa

Vítor Magalhães, Universidade da Madeira

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

# índice

- 11 Nota dos Coordenadores
- 13 Prefácio  
Galina Tihanov
- 19 El retrato de la inmigración en los orígenes míticos de la Roma antigua:  
Virgilio y Tito Livio  
María Elisa Cuyás de Torres
- 35 Entre Atenas e Roma: a retórica identitária de Plutarco  
Joaquim Pinheiro
- 51 Do mundo para a ilha: *insulae infestae*, lugares de exílio e morte na obra de  
Tácito  
Maria Cristina Pimentel
- 67 *In umbilico terrae sita*: o território utópico e a nova territorialização  
epistemológica  
Joaquim Machado de Araújo, Alberto Filipe Araújo
- 83 Cosmopolitanisms as a new perspective in an updated journey to utopia  
Vita Fortunati
- 97 Alfonso de Ulloa (1529? - 1570), un polygraphe espagnol entre identités et  
rivalités dans la cosmopolite Cité des doges  
Françoise Richer-Rossi
- 111 Entre cultura e *natura*: o saber médico e as crenças e os costumes  
relacionados com o parto na obra médica de Rodrigo de Castro Lusitano  
Cristina Santos Pinheiro
- 133 Notícia da China em duas relações de viagens do Padre Tomás Pereira  
Arnaldo do Espírito Santo
- 155 Voyage aux îles de Marivaux. L'utopie autrement radicale  
Piotr Olkusz
- 171 Consumidos pelo clima: turismo de saúde na Madeira em guias para  
pessoas inglesas inválidas do século XIX  
Virginia Langum

- 189 **Andronika: Conflit et identité (*L'Archipel en feu* de Jules Verne)**  
Ana Isabel Moniz, María-Pilar Tresaco, Ana-María Claver
- 207 «De la terre ferme vers les îles» – l'affiche touristique française et  
orientaliste  
Marcin Skibicki
- 223 **Aquilino Ribeiro: aldeão cosmopolita ou cosmopolita aldeão?**  
Maria Eugénia Pereira
- 241 **A experiência da deslocação do estudante madeirense para o Continente  
na obra romanesca de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983)**  
Thierry Proença dos Santos
- 255 **A 1950s Re-Imagining of the Seventeenth-Century Search for Terra  
Australis: James McAuley's Captain Quiros (1964)**  
Jean Page
- 273 **A one-way ticket from Madeira to Hawaii: Revisiting ethnic identity  
through gendered writing**  
Reinaldo Francisco Silva
- 297 **Poética da relação em Maria Ondina Braga: viagem, auto-exílio e errância  
cosmopolita**  
José Cândido de Oliveira Martins
- 311 **Pensée archipélique, antillanité et cosmopolitisme chez Édouard Glissant**  
Adelaide Gregório Fins
- 323 **Du 俳句 à l'haïkaï en passant par le 俳画. La poésie de Paulo Leminski:  
quand l'Extrême Occident rencontre l'Extrême Orient**  
Adrien Casimiro
- 345 **Charles Bertin e os jardins do deserto: um outro olhar sobre o destino da  
humanidade**  
Paula Alves dos Santos
- 359 **Utopia e Viagem iniciática em *Le Chercheur d'or* de Jean-Marie Gustave Le  
Clézio**  
Celina Martins
- 371 **Women's Contribution to Early Modern Utopian Speculations on the New  
World: *Oroonoko* and *The Widow Ranter* by Aphra Behn**  
Gilberta Golinelli
- 385 **Récits nomades: Quelques remarques sur l'imaginaire du voyage dans la  
fiction contemporaine**  
Lambert Barthélémy

- 399 Tradición clásica y glocalización en la poesía española actual: los poetas canarios del grupo de los noventa  
Gregorio Rodríguez Herrera
- 423 Les personnages-migrants de Gisèle Pineau et leur parcours vers l'universel  
Isaac David Cremades Cano
- 435 De *L'île parfumée* aux porteurs de patrimoine dans la littérature polynésienne  
Martine Renouprez
- 451 Les machines vs les hommes  
Natália Alves
- 463 Palimpsestos de mitos e histórias: uma viagem ao passado e ao futuro no filme de animação *Uma história de amor e fúria*  
Renata Flaiban Zanete
- 479 Um rinoceronte sozinho no meio da estepe. Sobre *Os Papéis do Inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho  
Sérgio Guimarães de Sousa
- 497 De Cuba à Calcutta. *Tea Time à New Delhi* (2017) de Jean-Pol Hecq, ou le voyage du Che en Inde (1959)  
André Bénit
- 517 *O Paraíso e Outros Infernos* de José Eduardo Agualusa: viagem, cosmopolitismo e utopia  
Leonor Martins Coelho
- 531 O lugar insular e a urgência de significado  
João Miguel Correia Gonçalves
- 543 Voyages to Utopia? - *Mondialisation*, Globalization and Cosmopolitanism  
Lourdes Cancio-Martins
- 553 Apresentação biográfica dos Coordenadores



[...]

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,  
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros  
Duma maneira especial, como se um mistério marítimo  
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento  
Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,  
Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das águas,  
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlânticos meus!  
Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num ponto  
E conterem todas as espécies de trajés, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes - tantas espécies deles!  
Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão! tanta gente!  
Tanto destino diverso que se pode dar à vida,  
À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!  
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas  
E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.  
[...].

**Fernando Pessoa, *Ode Marítima***

Mesmo que a rota da minha vida me leve a uma estrela, nem por isso fui dispensado de percorrer os caminhos do mundo.

**José Saramago, *A Jangada de Pedra***

# Entre cultura e *natura*: o saber médico e as crenças e os costumes relacionados com o parto na obra médica de Rodrigo de Castro Lusitano\*

Between *cultura* and *natura*: medical knowledge and the beliefs and habits related to childbirth in Rodrigo de Castro Lusitanus' medical treatise

CRISTINA SANTOS PINHEIRO\*\*

## Resumo

As referências que Rodrigo de Castro Lusitano, no seu tratado de ginecologia, publicado em Hamburgo em 1603, faz aos costumes locais relacionados com a geração humana mostram-nos, com frequência, o olhar crítico do intelectual, formado na tradição hipocrático-galénica, e põem em evidência um dos valores fundamentais da medicina renascentista: a valorização da experiência e da prática. Acerca destes costumes e numa área tradicionalmente reservada às mulheres, o médico com formação universitária dá-nos uma perspectiva que oscila entre a aprovação e o estranhamento. Neste estudo, analisamos a avaliação que Castro faz deste conhecimento feminino construído na prática e como o relaciona com o saber médico. Enumeramos também as referências aos pacientes que tratou e como elas contribuem para a legitimação do conhecimento, ao mesmo tempo que constroem o *cosmos* do autor.

**Palavras-chave:** Ciência renascentista, Medicina antiga, História da ginecologia, História da obstetrícia, Rodrigo de Castro Lusitano.

---

\* Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto “Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia” (Ref.<sup>a</sup> PTDC/FER-HFC/31187/2017). Dada a fase incipiente do projecto, este estudo tem um carácter meramente exploratório dos dados levantados até ao momento. Agradeço as sugestões resultantes da arbitragem científica anónima, que em muito enriqueceram esta pesquisa.

\*\* Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades. Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
cristinap@staff.uma.pt

## Abstract

The references made by Rodrigo de Castro Lusitano, in his treatise on gynecology, published in Hamburg in 1603, to the local habits related to the human generation often show us the critical view of the intellectual, instructed in the Hippocratic-Galenic tradition, and highlight one of the core values of Renaissance medicine: the value of experience and practice. On these habits and in an area traditionally dominated by women, the university-trained physician gives us a perspective that fluctuates between approval and apprehension. In this study, we analyze how Castro evaluates this female knowledge based on practice and how he relates it to medical science. We also enumerate the references made to the patients he treated and how these references contribute to the legitimation of knowledge, while building the author's *cosmos*.

**Keywords:** Early-modern science, Ancient medicine, History of gynaecology, History of obstetrics, Rodericus a Castro Lusitanus.

## 1. Introdução

Rodrigo de Castro Lusitano foi um dos muitos judeus que nos séculos XV e XVI deixaram o país. São desconhecidas as razões que o levaram a sair de Portugal, mas não deve ser descabido pensar que, como tantos outros, saiu em busca de paragens mais tolerantes ou que foi atraído por melhores condições de vida. Personalidades associadas à história da ciência em Portugal e, em especial, da medicina, como Amato Lusitano, Elias Montalto, Isaac Cardoso, Luís Nunes ou Zacuto Lusitano, entre muitos outros, saíram do país e alcançaram notoriedade em países estrangeiros, alguns associando-se a cortes e academias<sup>1</sup>. Sabemos que Rodrigo de Castro terá nascido em Lisboa, estudou medicina em Salamanca e, regressado à pátria, aí exerceu a profissão pelo menos até 1588, data em que alguns soldados da Armada Invencível, que simulavam doenças, lhe pediram ajuda para não terem de seguir na expedição<sup>2</sup>. Saiu, depois, do país e instalou-se em Hamburgo, antes de 1596, cidade onde viveu até à sua morte, provavelmente em 1627<sup>3</sup>. É já nesta cidade que edita as suas obras: um pequeno tratado sobre a peste que assolou a cidade (Hamburgo, 1596), um tratado de ética médica (Hamburgo, 1614, 1662) e a obra que constitui o objecto desta pesquisa, o *De uniuersa mulierum medicina* (Colónia, Hamburgo, 1603; Hamburgo, 1604, 1617, 1628; Veneza,

---

1 Sobre a vida e a obra destes autores, veja-se, em geral, Lemos 1991, e em específico: sobre Amato, Lemos 1907, Friedenwald 1937 e González Manjarrés 2019; sobre Montalto, Frade 2016; sobre Cardoso, Yerushalmi 1971, sobre Luís Nunes, Bruce-Chwatt, 1984; sobre Zacuto, Lemos 1909.

2 Como ele próprio afirma no seu tratado de ética médica, *Medicus-Politicus* (1614), livro 4, capítulo 9, p. 251. Sobre a vida e a obra de Castro, vejam-se: Dias 1887-1889, Kayserling 1902, Lemos 1909: 230-233, Studemund-Halévy 2009, Arrizabalaga 2009, Frade & Silva 2011.

3 Uma carta dedicada a Zacuto Lusitano, escrita por Castro na sua velhice e datada de 16 de Julho de 1629, levanta algumas dúvidas acerca da data da sua morte. A carta foi publicada no início do Tomo I dos *Opera Omnia* de Zacuto Lusitano 1649.

1644; Hamburgo, 1662; Colónia, 1689)<sup>4</sup>. Nesta obra, dividida em duas partes – a primeira, de índole teórica, sobre a natureza das mulheres, a segunda, prática, acerca das doenças das mulheres –, o “creador da gynecologia”, como, em finais do século XIX, lhe chamou Pedro A. Dias<sup>5</sup>, elabora uma síntese da matéria ginecológica e obstétrica que, no frontispício, se descreve como *opus absolutissimum et studiosis omnibus utile, medicis uero pernecessarium* (“obra completa e útil para todos os estudiosos, mas indispensável para os médicos”)<sup>6</sup>. Os três tratados que nos deixou são a fonte principal para a reconstituição da sua vida e do seu perfil intelectual<sup>7</sup>. Nesta pesquisa, procuramos uma abordagem inicial a esta empresa, mediante o levantamento das referências que o autor faz, no tratado de gynecologia, à sua experiência e aos costumes diversos adotados numa vivência que era crucial tanto na saúde, como na vida social das mulheres: a gravidez e o parto.

## 2. Os costumes e a experiência do médico

De terras lusas para Salamanca e de Salamanca de volta a terras lusas, depois a caminho de paragens estrangeiras, primeiro, provavelmente, para Antuérpia, talvez com passagem por Amsterdão, e, por fim, para Hamburgo, este foi um percurso que moldou, por certo, a vida e a obra de Castro<sup>8</sup>. No tratado de gynecologia, em específico, as referências aos costumes de povos diferentes parecem ter origem em duas fontes diversas: por um lado, na experiência do autor (pacientes que tratou, casos de que teve conhecimento, costumes que critica ou elogia...) e, por outro, na tradição médica, tanto recolhida em autores antigos, como Hipócrates, Aristóteles, Plínio ou Galeno, como em *recentiores*, como Jean Fernel, Jakob Ruf ou Johann Schenck von Grafenberg, que citam nas suas obras casos específicos de pacientes que trataram ou processos que observaram.

Estas referências que Castro vai introduzindo no texto conferem à obra um carácter etnográfico inestimável e têm também permitido, como já foi referido, reconstruir o percurso do Lusitano. A diversidade das práticas e dos hábitos dos povos em matéria ginecológica é reconhecida pelo próprio Castro, que, quando descreve o hímen e o entendimento que os autores árabes tinham acerca da sua constituição (*i. e.* que

---

4 A partir da edição de 1617, o título aparece com uma pequena alteração: *De uniuersa muliebrium morborum medicina*, isto é, “Sobre a medicina geral das doenças das mulheres”. O próprio autor, contudo, designa a obra como livros *de uniuersa mulierum medicina*, na carta dedicatória referida *supra*.

5 Dias 1887-1889.

6 Todas as traduções são da nossa autoria. Citamos a partir da 2ª edição, de 1617, e utilizamos para a fixação do texto latino os critérios da Associação Portuguesa de Estudos Neo-Latinos.

7 Algumas fontes atribuem-lhe ainda um tratado escrito em língua portuguesa, com o título *Tratado de herem*, hoje dado como perdido.

8 As muitas menções que Castro faz aos costumes das mulheres belgas, e, uma única vez, em específico, às de Antuérpia (Parte 2, livro 4, cap. 4, *cf.* Castro 1617: 463), parecem demonstrar que esteve durante algum tempo nesta cidade, também ela destino para muitos dos judeus fugidos da Península. É o que defende Dias 1887-1889: 88.

era formado por um conjunto de cinco veias interligadas a meio da cerviz do útero), comenta do modo seguinte a mutilação genital feminina:

*Et hinc ac ex superiori fatuitate obiter colligas quam uariis et contrariis opinionibus mundus distineatur, ut non plane inepte dixerit Aristippus gloriam ac uirtutem non in natura consistere, sed in consuetudine*<sup>9</sup>.

“E daqui (*i. e.* da mutilação) e da idiotice anterior (*i. e.* da crença de que o hímen é um conglomerado de veias no meio da cerviz) facilmente compreenderás quão diversas e contrárias são as opiniões que separam o mundo, de modo que Aristipo não terá dito de forma completamente descabida que a glória e a virtude não residem na natureza, mas no costume”<sup>10</sup>.

Estes costumes constituem, na sua maior parte, um fundo de informações relevantes no domínio médico que são escrutinadas pelo olhar crítico de Rodrigo de Castro. Dão-nos, também, uma perspectiva sobre a importância que atribui à experiência, isto é, ao que ele próprio viu e ao que outros viram e registaram e que, normalmente, comprova ou refuta informações transmitidas na tradição médica. A crença

9 Parte 1, livro 1, cap. 3, *cf.* Castro 1617: 9.

10 Castro descreve a infibulação, a forma mais radical de mutilação genital feminina: *Arabes uero quinque uenas ad ceruicis uteri medium utrimque inseri tradiderunt, ac dextrarum uenarum ora cum sinistris committi, ex hisque centonem ipsis appellatum atque adeo hymen efformari, quas tamen uenas ex sanguine, qui in prima coitione profluit, potius, quam ex sedula dissectione, cum ibi nullae reperiantur, procul dubio sunt imaginati, tanta superstitione, ut adhuc reperiantur in Felici Arabia nationes, non procul a regno Preciosi Ioannis, iuxta BABEL MELEC urbem, natione Arabes, secta Mahumetani, apud quas filioliarum uuluae consuuntur, medio relicto foramine, sicque quoad uiris mature coniungantur, dimittuntur, quibus eas obseratas et quasi sigillatas tradunt, ac tunc reserantur puncta et alae uteri, adeo iam cohaerentes ac si ita a natura fuissent fabricatae. Et hinc ac ex superiori fatuitate obiter colligas quam uariis et contrariis opinionibus mundus distineatur, ut non plane inepte dixerit Aristippus gloriam ac uirtutem non in natura consistere, sed in consuetudine.* (Parte 1, livro 1, cap. 3, *cf.* Castro 1617: 8-9). “Os Árabes, porém, deixaram escrito que cinco veias estão inseridas no meio da cerviz do útero, de um e outro lado, e que as aberturas das veias direitas estão ligadas às das esquerdas e que devido a estas é por eles chamado “centão” (*cento*) e assim se forma o hímen. Estas veias, todavia, imaginaram-nas devido ao sangue que se derrama na primeira relação sexual e não pela dissecação cuidada, já que aí nenhuma se encontra e fizeram-no com tal superstição que ainda se encontram na Arábia Feliz povos, não longe do reino do Preste João, nas proximidades da cidade de Babel Melec, Árabes de nacionalidade, Maometanos de religião, nos quais as vulvas das filhas pequenas são cosidas, deixando uma abertura no meio, e deixam-nas assim até que na idade adulta se unem aos maridos, a quem as entregam fechadas e como que seladas, e então abrem-se os pontos e as asas do útero já tão unidas como se tivessem sido assim formadas pela natureza”. Não conseguimos, até ao momento, identificar a fonte da referência a Aristipo, mas Diógenes Laércio, em *Vitae Philosophorum* 2.93, parece atribuir-lhe algo semelhante: μηδέν τε εἶναι φύσει δίκαιον ἢ καλὸν ἢ αἰσχρὸν, ἀλλὰ νόμῳ καὶ ἔθει. “Nada é belo, justo ou vergonhoso por natureza, mas pela lei e pelo costume”. Utilizamos, para os textos gregos, as edições do *Thesaurus Linguae Graecae*. Sobre as ocorrências do vocábulo *cento* para designar o hímen, veja-se o *Dictionarium Latinum Andrologiae, Gynaecologiae et Embyologiae: Ab Antiquitate usque ad XVI Saeculum* [infra, identificado como DILAGE], s. v. “cento”.

na validade da experiência afirma-a Castro repetidas vezes ao longo da obra. No livro 4 da 1ª parte, no início do capítulo 6, por exemplo, quando se dispõe a analisar a razão devido à qual nascem crianças aos sete e aos oito meses, diz que esta razão é evidente na obra de Hipócrates e de Galeno, *sed etiam experientia, quae normae uice semper est habenda, et omnis demonstrationis initium* (“mas também na experiência, que deve ser sempre considerada como alternativa da norma e o início de qualquer demonstração.”), repetindo quase *verbatim* o que diz Francesco Vallerioli nos seus *Enarrationum medicinalium libri sex*<sup>11</sup>.

---

11 Agradeço ao *peer reviewer* anónimo por me ter indicado esta coincidência. A utilização de fontes que Castro não identifica e que, como se pode verificar nesta pesquisa, é muito frequente, merece um estudo autónomo e, por esta razão, limitamo-nos aqui a identificá-las, quando o conseguirmos fazer. Lê-se na obra de Castro: “*Nunc qua ratione septimestres, octimestresque partus edantur perscrutandum erit, quod quidem non Hippocratis solum, Galenique testimoniis constat, sed etiam experientia, quae normae uice semper est habenda, et omnis demonstrationis initium.*” “Agora deve analisar-se por que razão se dão à luz crianças de sete e oito meses, o que, na verdade, é evidente não apenas nos testemunhos de Hipócrates e de Galeno, mas também na experiência, que deve ser sempre considerada como alternativa da norma e o início de toda a demonstração” (Parte 1, livro 4, cap. 6, *cf.* Castro 1617: 194). Lê-se na obra de Vallerioli: *Septimestres porro octimestresque edi partus, non solum Hippocratis, atque Galeni, tum etiam Aristotelis atque Alexandri Peripatetici summorum auctorum testatissima fide receptum est: sed et experientia duce, quae normae uice semper (ut Galenus ait) habenda est, et demonstrationis omnis initium uel eiusdem testimonio.* “Que se dão à luz crianças de sete e oito meses não se tomou apenas, com a atestadíssima credibilidade, dos mais importantes autores, de Hipócrates e Galeno e de Aristóteles e Alexandre Peripatético, mas também com a orientação da experiência, que deve ser sempre considerada como alternativa da norma (como diz Galeno) e o início de toda a demonstração, ou com o testemunho da mesma” (livro 3, enarr. 7, p. 204v). O passo é indicado como um *locus communis* da medicina numa outra obra de Vallerioli, os *Loci communes*, de 1589, livro 3, p. 658, sob o título “De sanitate, Hippocratis et Galeni loci”: *Experientia normae uice semper habenda est, eorum quae excogitaueris, nec scribendum pro utili quicquam est, quod non sis expertus, nisi tamen hoc ipsum testeris, non esse tibi adhuc expertum.* “A experiência deve ser sempre considerada como alternativa da norma e das coisas que escreveres, e não se deve escrever como se fosse útil nada que não tenhas experimentado, a não ser que tu tenhas testemunhado precisamente aquilo que ainda não foi experimentado por ti”. Trata-se, na verdade, de uma tradução do tratado *De sanitate tuenda* de Galeno: ταύτην [i. e. τὴν πεῖραν] γὰρ αἰεὶ κριτήριον ἔχειν τῶν ἐπινοηθέντων χρῆ καὶ μηδὲν γράφειν ὡς χρήσιμον, οὐ τις αὐτὸς οὐκ ἐπειράθη, πλὴν εἰ προσγράφοιτο τοῦτο αὐτῷ ἐννοεῖσθαι μὲν αὐτό, πεπειῶσθαι δὲ μηδέπω. (6K.447), apresentada também no livro 4, enarr. 10, p. 324v das *Enarrationes* de Vallerioli 1555.

O título deste capítulo na obra de Castro é *Cur septimestres, octimestresque non raro edantur, et cur septimo mense nati uitales sint, octauo uero minime* (“Por que razão não raramente nascem crianças de sete e oito meses e por que razão os que nascem no sétimo mês são viáveis, mas os que nascem no oitavo não”). Ainda sobre a experiência, Castro diz no capítulo seguinte, comentando a explicação da autoria de Sorano de que o recém-nascido chora porque não está habituado ao contacto com a terra: *Alii terrae reuolutiones causam esse ridicule crediderunt, hinc putabant, eos qui in nauibus nascuntur, non plorare, cuius contrarium quotidianae experientiae testimonio comprobatur;* (Parte 1, livro 4, cap. 7, *cf.* Castro 1617: 202-203). “Outros acreditaram de forma ridícula que a causa são as voltas da terra, por isso julgavam que os que nascem nos navios não choram; o oposto disto é comprovado pela experiência quotidiana” Sobre a tradição do nascimento dos fetos de oito meses, *cf.* Recio Muñoz 2019.

A experiência das mulheres constitui também uma fonte fundamental para a recolha e a consolidação do conhecimento médico no domínio das doenças e condições femininas. Esta valorização do que as mulheres sentem é um instrumento retórico importante e tem raízes tanto nos tratados de ginecologia do Corpo Hipocrático, como na obra biológica de Aristóteles<sup>12</sup>. O próprio Castro afirma, ainda sobre a não sobrevivência das crianças nascidas aos oito meses de gravidez:

*Huc accedit experientia ab ipsis feminis concepta, (quibus fidem non omnino derogari uult Hippocrates libro De septimestri partu) hae uero ex eo, quod cognouerunt in corporibus suis, dicunt octimestres superstites haudquaquam manere*<sup>13</sup>.

“Junta-se aqui a experiência concebida pelas próprias mulheres (às quais Hipócrates, no livro *O parto de sete meses*, não quer de todo tirar a credibilidade), mas estas, devido ao que conhecem no seu corpo, dizem que de modo nenhum sobrevivem os fetos de oito meses”.

Castro refere-se ao início do tratado hipocrático *De septimestri partu* (4), em que se afirma que é necessário acreditar no que as mulheres dizem acerca do parto, uma vez que elas conhecem o que se passa no seu corpo e sabem que a gravidez tem durações diferentes, mas que as crianças de oito meses não sobrevivem.

Esta experiência valida muitas das suas opiniões sobre a matéria que analisa, experiência enquanto saber cumulativo que se colhe através dos sentidos e que, por vezes, Castro contrapõe às autoridades médicas, que umas vezes confirma, outras refuta. Ao analisar as opiniões dos antigos sobre se as mulheres produzem uma semente geradora e qual o papel desta na geração, afirma que Galeno defende com razões extremamente sólidas que não apenas produzem semente, mas que esta tem grande importância na formação do feto, e acrescenta: *Rei ueritas sensuum fide comprobatur, cui repugnare debilitas est intellectus*. (“A verdade desta matéria é comprovada pela garantia dos sentidos e resistir a esta é debilidade do intelecto”)<sup>14</sup>. Na falta de informações veiculadas pela tradição textual, esta mesma experiência legitima a opinião das parteiras:

*Porro parere mulieres eadem semper diei hora qua conceperunt diligentiores obstetrices obseruasse adstruunt, quod etsi a nemine scriptum reperio, tamen experientia confirmari uidetur, quia certum est, ut plurimum noctu aut diluculo infantes in lucem prodire, quibus etiam temporibus plerumque feminae uiris suis coniunguntur, interdium, quo tempore raro etiam partum accidere*<sup>15</sup>;

“As parteiras muito diligentes garantem ter observado que as mulheres parem sempre na mesma hora do dia em que conceberam, o que, ainda que eu não encontre escrito por

12 Vejam-se, acerca deste assunto, Hanson 1990, Dean-Jones 1995 e King 2018.

13 Parte 1, livro 4, cap. 6, cf. Castro 1617: 196-197.

14 Parte 2, livro 3, cap. 3, cf. Castro 1617: 43.

15 Parte 1, livro 4, cap. 4, cf. Castro 1617: 188.

ninguém, todavia parece ser confirmado pela experiência, porque é certo que geralmente as crianças vêm ao mundo de noite ou ao romper do dia, momentos em que também, em geral, as mulheres se juntam aos seus maridos; durante o dia, momento em que raramente acontece também o parto”.

A experiência a que se recorre para consolidar a argumentação é a do próprio autor, mas também a das autoridades, ou seja, os exemplos que se recolhem do relato de outros autores<sup>16</sup>. As *historiae* que outros compilaram servem igualmente como meio de prova no tratado de Castro. Das fontes textuais retira não apenas teorias e controvérsias, mas também exemplos que as confirmam, o que lhe permite, com frequência, remeter apenas para essas fontes, sem se deter sobre os casos particulares que comprovam ou testemunham determinado facto, teoria ou processo. Quando analisa as patologias menstruais, em especial o fluxo do sangue menstrual através de vias anormais, como a boca, o nariz, os olhos, etc., menciona os exemplos reunidos nas *Observationes medicae, raras, nouae, admirabiles et monstrosae* de Johannes Schenck von Grafenberg (1584-1597)<sup>17</sup>. Acrescenta, todavia, o exemplo da Condessa de Vila Franca, que ele próprio tratou:

(...) *quarum historias Schenckius refert ex Hippocrate, Galeno, Areteo, Brassauola, Amato et aliis, ac nos curauimus illustrem D. Iohannam comitissam Villae francae, quae nisi singulis mensibus sufficientem sanguinis copiam per os reiectaret, in febrem et grauissima symptomata incidebat*<sup>18</sup>.

“Schenck refere as histórias destas mulheres a partir de Hipócrates, Galeno, Areteu, Brasávola, Amato e outros, e nós tratámos a ilustre D. Joana, condessa de Vila Franca, que, a não ser que em cada mês expelisse através da boca uma quantidade suficiente de sangue, ficava febril e com os mais graves sintomas”<sup>19</sup>.

O saber empírico parece ser, assim, não uma alternativa à tradição, mas uma via complementar que permitirá a criação de uma tradição mais fidedigna<sup>20</sup>. O tratado

16 Cf., sobre este assunto, MacLean 2002: 191ss.

17 Sobre o género das *observationes* e sobre a obra de Schenck, cf. Pomata 2010.

18 Parte 2, livro 1, cap. 3, cf. Castro 1617: 10.

19 Deve tratar-se de D. Joana Coutinho, esposa do 1º Conde de Vila Franca, D. Rui Gonçalves da Câmara, e filha de D. Francisco Coutinho, 3º conde de Redondo. Cf. Meirelles & Affonso 1938: 85 e Zúquete 1960: 498.

20 Veja-se, a título de exemplo, o que Castro afirma acerca da obra de Schenck, com as reservas relativas às informações acerca das mulheres que mudaram de sexo: *De qua re plures conguessit historias Schenckius ad quem lectorem relegamus. Quod tamen ipse ex aliorum auctoritate scribit, fuisse quae et conciperent et postea, in uiros uersae, in alio generarent, commentitium omnino est.* (Parte 1, livro 1, cap. 3, cf. Castro 1617: 11) “Sobre esta matéria, Schenck, para quem remetemos o leitor, compilou muitas histórias. O que, todavia, ele próprio escreve com base na autoridade de outros - que houve mulheres que conceberam e que, posteriormente, tornadas homem, geraram em outrem - é completamente

constrói-se, deste modo, sobre dois pilares que não são autónomos: o que está escrito nos textos, antigos e recentes, e que, não raramente, é retirado de outros textos, e o que a prática valida. Trata-se, com efeito, de um saber cumulativo que se legitima tanto com base na tradição textual, como nas vivências - próprias e de outros - que, por sua vez, ilustram condições que são, muitas vezes, extremamente raras e que dificilmente um médico poderia encontrar. Esta medicina que se consolida na experiência é, ainda assim, como afirma MacLean, “uma disciplina necessariamente textual”<sup>21</sup>, e este carácter textual da medicina é extremamente importante no *De uniuersa mulierum medicina*. Não põe, todavia, em causa a valorização da experiência do autor. Podemos vê-la, por exemplo, no capítulo sobre o fluxo mulhêr (“De fluore muliebri”) quando, contra aqueles que defendem que só as mulheres adultas e sexualmente activas sofrem desta patologia, afirma:

*Ego honestissimas ac integerrimae famae uirgines tum in Hispania, tum in Germania, uidi et curauit, quae per triennium antequam menses prorumperent, hunc affectum passae sunt*<sup>22</sup>.

“Eu próprio vi e tratei, tanto na Hispânia, como na Germânia, virgens honestíssimas e de reputação incólume que sofreram desta afecção durante três anos, antes de serem menstruadas”.

### 3. Os casos clínicos tratados por Castro

A experiência prevalece sobre a tradição e a *Hispania* e a *Germania* parecem ter constituído os centros principais da experiência do médico lusitano. As referências a pacientes que tratou permitem-nos reconstruir o percurso de vida de Rodrigo de Castro: viu em Évora dois gémeos a tal ponto semelhantes que a própria mãe não os distinguia senão pela voz<sup>23</sup>; em 1577, conheceu um adolescente sem braços e corcunda, que fazia

---

mentira”. No capítulo sobre os monstros, lê-se: *Horum pleraque uaria et mirabilia exempla quae nostro aeuo edita sunt apud Rufum extant, ad quem lectorem relegamus*. (Parte 1, livro 3, cap. 11, cf. Castro 1617: 141) “Numerosos, diversos e admiráveis exemplos destes, que nasceram no nosso tempo, são apresentados na obra de Ruf, para quem remetemos o leitor”. Refere-se à obra *De conceptu et generatione hominis*, de Iakob Ruf (1554). Remete também com frequência para as obras de autores antigos. Cf., a título de exemplo: *Inter affectus, qui puerperis saepissime contingunt, primus ac communissimus se offert febris, de qua extant pleraque exempla apud Hippocratem in locis superiore capite citatis*. (Parte 2, livro 4, cap. 13, cf. Castro 1617: 495). “Entre as afecções que atingem com mais frequência as puérperas, a que primeiro se apresenta e é a mais comum é a febre, acerca da qual são apresentados muitos exemplos na obra de Hipócrates nos passos citados no capítulo anterior”.

21 MacLean 2002: 192.

22 Parte 2, livro 1, cap. 14, cf. Castro 1617: 87.

23 (...) *quales etiam duos gemellos Eborae uidi Aluari Vaesii celeberrimi iurisconsulti ex sorore nepotes, quos uix ipsa mater et non nisi ex uoce discernebat, qui ambo uiuunt monachi et theologiam profitentur in suo conuentu*. (Parte 1, livro 3, cap. 9, cf. Castro 1617: 133-134). “(...) como também os dois gémeos que vi em Évora, netos da irmã de Álvaro Vaz (?), celeberrimo jurisconsulto, os quais a própria mãe distinguia com dificuldade e apenas pela voz e que vivem ambos como monges e professam a teologia no seu convento”.

tudo com os pés e estudava na universidade de Évora; um outro semelhante ao anterior, oriundo da cidade da Guarda, estudava na de Salamanca<sup>24</sup>; reconheceu a patologia a que se chamava *nymphaea* ou *symptoma turpitudinis* (“sintoma de torpeza”) e que consistia num clítoris de tamanho excessivo, numa mulher de Hamburgo e na filha de um Belga, uma criança pequena que tinha apenas um ano de idade<sup>25</sup>; viu mulheres, como a do jurisconsulto Iacob Zuer (ou Zuero?), que enquanto amamentavam, tinham menstruações regulares, e não apenas uma vez, mas sempre que tinham filhos<sup>26</sup>; como afirma em dois passos distintos, identificou na sobrinha de Simon de Koenig, belga, o furor provocado pela acumulação de sangue nos seios, patologia identificada por Hipócrates, mas de existência controversa<sup>27</sup>; refere a esposa de David Lomélio, belga,

- 24 *Hoc etiam genere complectuntur Androgynos siue Hermaphroditos, quorum nec exiguus est hodiernus numerus et supra Nasamonas plerosque esse Plinius refert inter se uicibus coeuntes. Illi praeterea quibus aut brachia aut membrum aliquod deficit qualem nos uidimus adolescentem anno 1577 sine brachiis natum ac gibbosum, qui nihilominus pedum digitis ad scribendum, nendum, ac reliqua munia obeunda exacte et expedite utebatur, ac in Eborensi academia literis incumbibat; cui similis alter ille est ab oppido Daguarda oriundus qui, cum haec scriberemus, Salmanticae studiis operam nauat.* (Parte 1, livro 3, cap.11, cf. Castro 1617: 140-141). “Neste género [i. e. de monstros] incluem-se também os andróginos ou hermafroditas, dos quais não existe agora um número exíguo. Plínio refere que para lá dos Nasamonas existem muitos que se unem entre si alternadamente. Além disso aqueles a quem faltam os braços ou algum membro como o adolescente que nós vimos no ano de 1577, nascido sem braços e corcunda, que ainda assim usava os dedos dos pés para escrever, para fiar e para as restantes funções que tinha de desempenhar, de forma correcta e expedita, e dedicava-se às letras na academia eborense. A este era semelhante aquele outro, oriundo da cidade da Guarda, que enquanto escrevemos esta obra, se dedica aos estudos em Salamanca”.
- 25 *Albucasis aegritudinem appellat caudatam, alii simpliciter carnem uocant, et merito, quia simplex caro est, qualem uidi in muliere Hamburgensi honesti ciuis coniuge et in filiola Belgae unius anni puellula.* (Parte 2, livro 2, cap. 18, cf. Castro 1617: 219). “Albucassis designa [esta doença] enfermidade caudada, outros chamam-na simplesmente carne, e com razão, porque é uma carne simples, como a que vi numa mulher de Hamburgo, esposa de um cidadão nobre, e na filhinha de um Belga, uma menina de um ano”. Na 1ª edição do tratado (p. 173), faz-se referência apenas à mulher de Hamburgo. Cf. DILAGE, s. v. “nymphaea”.
- 26 *uidimus enim feminas (quarum una erat Iacobi Zueri iurisconsulti coniux) quae quantumuis infantes praegrandes lactarent, menstrua tamen toto lactationis tempore ordinata, et copiosa habebant, nec id semel, sed quoties pariebant* (Parte 1, livro 4, cap. 10, cf. Castro 1617: 214). “vimos, pois, mulheres (uma das quais era a esposa do jurisconsulto Iacob Zuer [ou Zuero]), que, qualquer que fosse o tamanho da criança, tinham, todavia, durante todo o tempo da amamentação, a menstruação regular e abundante, e isto não uma única vez, mas sempre que davam à luz”.
- 27 *Vidi etiam ego nuper in nepti Simonis de Konig Belgae, unde dicere merito illud possumus, pueri sumus in colo gygantis, quia uidemus, quae ipse uidet et nonnihil plus.* (Parte 2, livro 1, cap. 16, escólio, cf. Castro 1617: 115). “Vi também eu há pouco tempo na sobrinha de Simon de Konig Belga, de onde podemos dizer com razão que somos uma criança ao colo de um gigante, porque vemos o que ele vê e algo mais”. (...) *tamen uersatissimus Andreas Alcacer Magister noster et in Salmaticensi Academia publicus chirurgiae Professor id uidisse mihi saepius ore referebat, quod postea animaduerti in sororia Simonis de Koenig Belgae.* (Parte 2, livro 4, cap. 26, cf. Castro 1617: 528). “(...) o muito experiente André Alcácer [ou Vâlcacer], nosso mestre e professor público de cirurgia na Academia de Salamanca, todavia, dizia-me que tinha visto isto com muita frequência, o que posteriormente notei na sobrinha de Simon de Koenig Belga”. Castro comenta o texto de *Aph.* 5. 40 [Γυναιξιν ὀκόσησιν ἐς τοὺς τιτθοὺς

que morreu com um tumor na mama, depois de tratada “com ligaduras muito apertadas e outros remédios absurdos” por um empírico, contra as indicações dadas por Castro<sup>28</sup>; refere o exemplo de Elisabete Rodrigues, grávida de oito meses e atacada por uma pleurite, para refutar a tese de origem hipocrática de que às grávidas não deve ser aplicada a venessecção<sup>29</sup>; tratou muitas vezes a esposa de um mercador belga que sofria de melancolia no puerpério<sup>30</sup>; viu, no mesmo ano em que escreve, duas crianças, uma belga, a outra portuguesa, morrerem sufocadas enquanto as amas-de-leite dormiam num sono profundo, o que mostra que ninguém tem mais cuidado com o recém-nascido do que a própria mãe<sup>31</sup>.

Salientamos, dentro desta linha de análise, um conjunto de informações igualmente baseadas na experiência do autor, mas relacionadas com a sua própria família,

- 
- αἴμα συστρέφεται, μανίην σημαίνει. “Naquelas mulheres em que o sangue se acumula nos seios, é sinal de loucura”.] e o entendimento de autores posteriores. Enumera também os autores que afirmam nunca ter encontrado nenhum caso desta doença (Galeno, Brasávola e Guy de Chauliac) e os que, além dele próprio, a encontraram (Lanfranco [de Milão], *Brachelius* [Jeremias de Drijvere de Brackel] e Valcácer, professor de cirurgia em Salamanca, desde 1567 até à sua morte, mestre de Rodrigo de Castro e autor de *Chirurgiae libri sex*, a sua única obra, publicada em Salamanca em 1575. Vejam-se, acerca de Valcácer, Santander Rodríguez 1965 e Pérez Ibañez 1997: 52-54. O nome deste autor aparece indistintamente como Alcázar ou Válcacer. No escólio ao capítulo 26 do livro 4, Castro debate o chamado *morbus pilaris*, doença controversa que se julgava causada pela ingestão pela mãe lactante de um pêlo que causava inflamação e dor nos seios e compactava o leite. Sobre esta doença, consulte-se a entrada do DILAGE, s. v. “pilaris”.
- 28 *ex quo affectu ligaturis arctissimis et aliis praeposteris remediis tractata ab Empirico coniux Daudidis Lomelii Belgae, contra quam consulueram, in abscessum deuenit, unde paullo post obiit.* (Parte 2, livro 1, cap. 17, escólio, cf. Castro 1617: 119). Desta afecção, depois de tratada por um empírico com ligaduras extremamente apertadas e outros remédios absurdos, ao contrário do que eu aconselhara, veio a sofrer de um abscesso, devido ao qual pouco depois morreu”.
- 29 *In octavo mense mulieri Vlyssiponensi sanguinea, cui nomen erat Elisabetha Rodrigues, pleuritide correptae, ab aliis medicis pro deplorata relictæ, quater sanguinem misimus, et conualuit, ac puellum peperit egregium.* (Parte 2, livro 3, cap. 21, cf. Castro 1617: 435). “No oitavo mês, a uma mulher de Lisboa, sanguínea, de nome Elisabete Rodrigues, atacada por uma pleurite, deixada pelos outros médicos por se considerar sem esperanças, retirámos quatro vezes sangue e recuperou e deu à luz um menino extraordinário”.
- 30 (...) *cuius rei exemplum est apud Lusitanum, elegantis cuiusdam feminae, quae alias optime ualebat, illico tamen a partu melancholia morbo afficiebatur, et per mensem insana erat, paucis uero adhibitibus praesidiis, ad pristinam ualetudinem reuertebatur, et nos etiam saepe curauimus coniugem praecipui cuiusdam Belgae et mercatoris insignis, quae idem malum post partum saepissime patiebatur.* (Parte 2, livro 4, cap. 17, cf. Castro 1617: 509). “(...) um exemplo disto está na obra de [Amato] Lusitano, o de uma mulher elegante, que noutras alturas passava muito bem, e logo depois do parto, todavia, era afectada pela doença da melancolia e durante um mês se mantinha louca, mas aplicados uns poucos remédios, voltava ao bem-estar anterior; também nós tratámos com frequência a esposa de um Belga importante e mercador insigne, que com extrema frequência sofria do mesmo mal depois do parto”. Castro refere-se a um caso descrito brevemente na *Centúria 2.52* de Amato Lusitano 1567: 591-592.
- 31 (...) *sic uidimus hoc eodem anno duos infantes a nutricibus somno profundo stertentibus suffocatos, unum Belgae filiolum, alterum Lusitani.* (Parte 1, livro 4, cap. 12, cf. Castro 1617: 219). “(...) assim vimos neste mesmo ano duas crianças sufocadas pelas amas-de-leite adormecidas num sono profundo, uma o filhinho de um Belga, outra o de um Lusitano”.

que servem também o propósito de consolidar a autoridade de Castro na matéria em estudo. A propósito dos partos múltiplos e da superfetação, comenta as características dos seus próprios irmãos, Francisco da Costa e Leonor Pais, gémeos, ele solteiro e viajante longe da pátria, ela casada e vivendo em casa com uma prole numerosa (o que parece indicar que Castro considerava que a irmã tinha outras escolhas possíveis...), e conclui que *multum interesse ex libris an ab experientia loqui*. (“é muito diferente falar a partir dos livros ou a partir da experiência”)<sup>32</sup>. Refere também com respeito e admiração a grande competência do seu tio, Manuel Vaz, médico de quatro reis de Portugal, tanto pelos remédios que usava, como pela aptidão profissional demonstrada<sup>33</sup>.

Esta experiência própria nem sempre foi benéfica para Castro e para a sua família. Quando diz que o recém-nascido só ri pela primeira vez depois do trigésimo dia de vida e que, se rir antes, este acto é considerado de mau agouro pelo vulgo, confirma-o com o riso do seu próprio filho ao terceiro dia de vida, que se transformou no choro do pai no nono dia depois do parto, quando lhe morreu a esposa, Catarina Rodrigues<sup>34</sup>,

32 Parte 1, livro 3, cap. 13, *cf.* Castro 1617: 148-149.

33 *Memini quidem expertissimum uirum Emanuelem Vaezium auunculum meum, qui ob consummatissimum in arte medica iudicium et peritiam non uulgarem, fuit successiue quatuor Lusitaniae regum, Iohannis tertii, Sebastiani, Henrici et Philippi secundi cubicularius medicus, quique sanguinis fluore per nares iam septuagenarius saepe diuexabatur, stercus asininum modice exsiccatum in capsula semper ad manus habuisse, cui medicamento nullum aliud simile reperisse saepissime referebat, praesertim si succo urticae commixtum, cum siccum iam erat, aut recens per se naribus adhiberetur.* (Parte 2, livro 1, cap. 5, *cf.* Castro 1617: 48). “Lembro-me, na verdade, de um varão extremamente competente, o meu tio materno, Manuel Vaz, que, devido ao juízo consumadíssimo na arte médica, foi sucessivamente médico de câmara de quatro reis da Lusitânia, de João III, de Sebastião, de Henrique e de Filipe II, e que com frequência, já septuagenário, era atormentado por fluxo de sangue através do nariz; tinha sempre à mão, numa cápsula, esterco de asno levemente seco; dizia muitíssimas vezes que não encontrara nenhum outro medicamento semelhante a este, especialmente se aplicado no nariz, misturado com suco de ortiga, quando já estiver seco, ou fresco, sem mais nada”. Deste mesmo tio, diz ser *obseruantissimus* (...), *uir magnae experientiae* (Parte 2, livro 2, cap. 31, *cf.* Castro 1617: 341). “respeitadíssimo (...), varão de grande experiência”. Conta também a *historia mira* (“história admirável”) de Henrique Álvaro, filho de Francisco Lopes Brandão, que engoliu uma agulha quando tinha apenas seis anos de idade. Chamado pela mãe do rapaz, Manuel Vaz, nada fez. Quando Henrique Álvaro tinha vinte e quatro anos, a agulha apareceu-lhe numa perna.

34 (...) *neque ridet, ut plurimum nisi post trigesimum solem, quod si ante risus eruperit ominosum ac timoris plenum uulgo iudicatur. Risus filioli mei tertio a partu die mihi nono sequenti in fletum ac in summum maerorem fuit conuersus, nam in eodem puerperio coniux charissima obiit.* (Parte 1, livro 3, cap. 17, *cf.* Castro 1617: 163-164) “[quando a criança nasce] também não ri senão, geralmente, depois do trigésimo dia, e, se o riso surgir antes, é considerado pelo vulgo ominoso e temível. O riso do meu filhinho no terceiro dia depois do parto transformou-se para mim, nove dias depois, em choro e no mais profundo pesar, pois no mesmo puerpério morreu a minha caríssima esposa”. Sobre o riso precoce das crianças, lê-se também no tratado *Enneas muliebris* de Bonaccioli (cap. 8, p. 144): (...) *si ante quadragesimum diem risus eruperit, ominosum id atque timoris plenum uulgo iudicatur*. “(...) se o riso surgir antes do quadragésimo dia, isto é considerado pelo vulgo ominoso e temível”. Citamos a partir do texto impresso na 3ª edição dos *Gynaeciorum libri* (1597).

por complicações relacionadas com o fluxo insuficiente dos lóquios<sup>35</sup>. Este mesmo filho nasceu com o cordão umbilical enrolado à volta do pescoço:

*nonnumquam etiam difficilis accidit partus, quia uasa umbilicalia collo circumuoluuntur, duobus aut pluribus interdum gyris, quod stolidis mulierculis uanae praedictionis occasionem saepe praebet infelicitatis nimirum, filiulus meus sic natus octo tamen superuixit menses, matre pia in puerperio desiderata, ego utrumque felicissimum iudico, qui meliori fruuntur uita*<sup>36</sup>;

“por vezes o parto é difícil também porque os vasos umbilicais rodeiam o pescoço, algumas vezes com duas ou três voltas, o que com frequência providencia às tolas mulherzinhas a oportunidade para predições enganadoras, isto é, de infelicidade; o meu filhinho que nasceu assim sobreviveu, todavia, oito meses, perdida a mãe afectuosa no puerpério; eu considero-os aos dois extremamente felizes, eles que fruem de uma vida melhor”.

Este passo permite-nos concluir que a criança estaria ainda viva enquanto Castro preparava a primeira edição do tratado, publicada em 1603, uma vez que nela se omite o trecho entre *infelicitatis* e *uita*, que se acrescenta na segunda edição, em 1617. A primeira edição é, assim, posterior à morte de Catarina Rodrigues, mas anterior à morte do filho de cujo parto morreu.

De forma intencional Castro apresenta e consolida a sua autoridade na matéria exposta. Os pacientes são pessoas concretas, identificadas pelo nome, pelo parentesco relativamente a alguém, pelo local de residência, pelo ano em que foram vistos...

Este conhecimento permite-lhe a confiança necessária para escrutinar a tradição, mas reconhece também, quando recomenda os meios para afastar o malefício que provoca esterilidade, que reproduz as informações com a mesma credibilidade com que as recebeu, admitindo não ter até ao momento nenhuma experiência deles<sup>37</sup>.

Acerca da quantidade e a duração normais dos lóquios, Castro percorre, primeiro, as opiniões das autoridades, tanto antigas (Hipócrates e Mústio), como contemporâneas (Mercuriale e de la Corde, que seguem Hipócrates), mas acrescenta de seguida:

35 (...) *ex quo affectu carissima et lectissima coniux mea Catharina Rodrigues piae ac felicitis memoriae, summo meo et consanguineorum dolore in flore aetatis sublata est, prius alui fluore initio puerperii correpta, deinde prae contracta debilitate lochiis ipsis ita suppressis, ut nullis potuerint mediis ad inferiora reuocari.* (Parte 2, livro 4, cap. 11, cf. Castro 1617: 487). “(...) devido a esta afecção morreu a minha esposa caríssima e distinta, Catarina Rodrigues, de terna e feliz memória, com a maior dor, minha e dos parentes, primeiro atacada no início do puerpério por fluxo de ventre, depois, devido à debilidade contraída, por tão grave supressão dos próprios lóquios que por nenhum meio puderam ser trazidos de novo para as partes inferiores”. Sobreviveram a Rodrigo de Castro dois filhos, igualmente médicos, Bento e André.

36 Parte 2, livro 4, cap. 6, cf. Castro 1617: 472.

37 Parte 2, livro 3, cap. 3, cf. Castro 1617: 374.

(...) *ego uero uniuersalem non esse existimo, ac praedictos uiros longe aberrare, si cunctis feminis eamdem praefinire uelint quantitatem et tempus, nam Belgae, et Germanae et quaecumque in illis uiuunt regionibus, ubi feminae ualidius exercentur, breuiori multo tempore, et minori quantitate salubriter expurgantur, saepe ad octiduum dumtaxat, ut plurimum ad quindecim dies, neque per id tempus perpetuo fluunt, sed per interualla, quattuor quinqueue plerumque interpositis diebus*<sup>38</sup>.

“(...) mas eu considero que não é universal e que os referidos varões estão muito errados se querem definir a mesma quantidade e o mesmo tempo para todas as mulheres, pois as Belgas e as Germânicas e todas as que vivem naquelas regiões onde as mulheres se exercitam vigorosamente, são saudavelmente expurgadas durante muito menos tempo e em menor quantidade, com frequência apenas até ao oitavo dia, geralmente até ao décimo quinto dia, e durante este tempo não têm um fluxo contínuo, mas em intervalos, em geral de quatro ou cinco dias”.

#### 4. Os costumes das mulheres no parto

Apresenta-se aqui uma oposição, que é frequente no *De uniuersa mulierum medicina*, entre as mulheres que designa *septentrionales* e um conjunto diverso de mulheres, que muitas vezes se identifica apenas pela contraposição às anteriores, como se verifica logo de seguida:

*sed et in illis etiam plagis, in quibus, quia feminae in otio uiuunt, diutius in lochiis detinentur maximam reperies uarietatem iuxta feminae habitum et uitae institutum: quamobrem ex conferentia et tolerantia potius coniectura facienda est*<sup>39</sup>.

“mas também naqueles lugares em que, porque as mulheres vivem no ócio, se mantêm durante mais tempo nos lóquios, encontrarás a maior variedade consoante a constituição da mulher e o modo de vida: logo, a conjectura deve ser feita a partir da comparação e da tolerância”<sup>40</sup>.

38 Parte 2, livro 4, cap. 10, *cf.* Castro 1617: 485.

39 Parte 2, livro 4, cap. 10, *cf.* Castro 1617: 485.

40 Comentando a medida do fluxo menstrual, Luís Mercado, no seu tratado *De mulierum affectionibus*, livro 1, cap. 4, p. 874, recorre a palavras semelhantes para exprimir a variação individual e a necessária cautela na fixação de valores supostamente universais: *Praetereo consulto hac in parte longius disputare ac docere menstruae purgationis mensuram: nam uanum esse omnino existimo, ac incertam esse coniecturam, quae illi regulam et mensuram certam assignare uelit, cum differat corpus a corpore, et natura a natura: sicut et inter se uitae institutiones, tam eae quae ad uictus modum, quam quae ad exercitia pertinent. Quamobrem purgationis quantitatem cuique proficuum ex conferentia et tolerantia potius metiri oportet, quam omnibus et singulis aliquam communem et propriam praescribere.* “Omito conscientemente nesta parte a discussão e a explicação da medida da purgação menstrual: pois considero que é de todo inútil e que é incerta a conjectura que pretender atribuir-lhe uma regra e uma medida certa, uma vez que o corpo difere do corpo, a natureza da natureza: como também os modos de vida, tanto os que dizem respeito ao regime, como os que dizem respeito aos exercícios. Por esta razão, é mais

As mulheres setentrionais opõem-se aqui a outras mulheres que têm um regime de vida com menos movimento. Opõem-se às Lusitanas, no que diz respeito à utilização de uma faixa sobre o ventre, depois do parto<sup>41</sup>: as setentrionais não a usam, as lusitanas usam-na sobre o umbigo para impedir a entrada de ar no útero. Contrapõe-se o modo como “por toda a Hispânia” se prepara a papa para o desmame das crianças à *warmbier* utilizada pelas mulheres setentrionais<sup>42</sup>, alimento que Castro enaltece em diversas ocasiões. A constituição fria e húmida das mulheres nórdicas faz com que abortem mais e gerem mais crianças do sexo feminino<sup>43</sup>, mas, como estão mais habituadas ao exercício e ao trabalho, dão à luz com mais facilidade<sup>44</sup>. Têm medo de ver ou de ter em casa homens de cor negra, devido à história de uma mulher branca que gerou de um pai branco um filho etíope, porque tinha em casa um quadro com um etíope<sup>45</sup>. Aos recém-nascidos setentrionais, especialmente de origem belga e germânica, pode dar-se um pouco de triaga, porque a toleram melhor do que a venessecção, como acontece com os seus progenitores<sup>46</sup>.

Esta oposição entre as mulheres do Norte e as outras parece corresponder ao percurso de vida de Rodrigo de Castro. Das *septentrionales*, especifica várias vezes, como faz no passo citado, o conjunto *Belgae et Germanae*, que por vezes diferencia das *feminae Hispanae*, sem que se perceba se com esta expressão se refere apenas às mulheres espanholas ou às mulheres da Península Ibérica em geral - recorde-se que, por esta altura, Portugal está na dependência da coroa espanhola<sup>47</sup>. Note-se, todavia, que só uma vez o autor refere as mulheres do Sul como um colectivo, já que normalmente as identifica de forma mais concreta como *hispanae* ou *lusitanae*. Das mulheres das regiões meridionais, afirma: *Et hac ratione quasdam mulieres regionibus nonnullis meridionalibus animal uiuens (quod feram uocant) genuisse ferunt*. (“E por esta razão diz-se que algumas mulheres em algumas regiões meridionais geraram um animal com

---

conveniente medir a quantidade da purgação que é profícua para cada mulher, a partir da comparação e da tolerância, do que prescrever para todas e para cada uma das mulheres uma quantidade que seja comum e própria”. Utilizamos a edição do texto de Mercado na 3ª edição dos *Gynaeciorum libri*.

41 Parte 2, livro 4, cap. 1, *cf.* Castro 1617: 449.

42 Parte 2, livro 4, cap. 29, *cf.* Castro 1617: 537-538.

43 Parte 2, livro 3, cap. 2, *cf.* Castro 1617: 361.

44 Parte 1, livro 4, cap. 1, *cf.* Castro 1617: 174.

45 Parte 1, livro 3, cap. 9, *cf.* Castro 1617: 133.

46 Parte 1, livro 4, cap. 8, *cf.* Castro 1617: 205.

47 A distinção entre *Hispania e Lusitania*, correspondendo aos dois países da Península é evidente, porém, na Parte 2, livro 3, cap. 3, *cf.* Castro 1617: 379, quando recomenda os banhos, que agora chamaríamos de águas termais, como terapia: recomenda os de Benavente *in Lusitania* e os de Ledesma *in Hispania*. No capítulo 5 do mesmo livro, sobre alimentos afrodisíacos faz igual distinção: (...) *poteris parare uermiculos ex farina factos, quos Hispani fiados, Lusitani aletria uocant*, (*cf.* Castro 1617: 390) “(...) poderás preparar vermiculos feitos de farinha, que os Hispanos chamam *fiados*, os Lusitanos *aletria*”.

vida (a que chamam *fera*)”. Esta informação, todavia, repete quase *verbatim* o texto de Ludovico Bonaccioli, em *Enneas muliebris*<sup>48</sup>.

Especifica as mulheres *lusitanae*, as *hispalenses* e as *salmaticenses*, quando descreve o que estas mulheres comiam para emagrecer: as mulheres de Sevilha *gaspacho*, feito de pão e *posca*, isto é, água e vinagre; as de Salamanca fazem-no com água e especiarias e chamam-lhe *aloia*; as Portuguesas utilizam limão com sal, prática que Castro aprova<sup>49</sup>. Refere, entre as causas externas de aborto, o costume de as *Venetae*, as *Anglicae* e as *Antuuerpienses* usarem espartilhos feitos de madeira, de marfim ou de ferro<sup>50</sup>. Menciona uma única vez as mulheres escocesas, a partir de uma fonte não identificada, para as apresentar como exemplo do tipo de vestuário, leve e não apertado, que as grávidas devem usar: “dizem” – Castro não indica quem diz – que, quando estão grávidas, “usam um manto simples e que dão à luz sem a ajuda de parteira”<sup>51</sup>. Refere apenas duas vezes as *Gallicae*. Na primeira vez, Castro descreve a posição na qual as mulheres dão à luz: algumas fazem-no de cócoras, especialmente as mulheres francesas e as alemãs, que têm, para o efeito, a chamada cadeira obstétrica, representada na obra de Eucharius Rösslin, mas já descrita no tratado de ginecologia de Sorano, no século I d. C.<sup>52</sup>. Refere também as mulheres francesas, no que diz respeito ao que as

48 Castro parece validar o texto de Bonaccioli: *Quasdam enim regionibus nonnullis meridionalibus, animal uiuens (quod feram cognominant, frequentissimum in Hispania uitium) genuisse mulieres compertum habetur.* (Parte 1, livro 3, cap. 11, cf. Castro 1617: 141). “Considera-se, pois, evidente que algumas mulheres em algumas regiões meridionais geraram um animal vivo (que designam *fera*, vício extremamente frequente na Hispânia)”. (cap. 9, p. 147).

49 (...) *in quem usum Hispalenses mulieres existimo uti cibo ex pane et posca, siue aqua et aceto quem uocant gaspacho, Salmanticenses uero, et alias ex aqua conficiunt, et speciebus aromaticis, et aloiam dicunt, Lusitanae pulchritudinis studiosae usurpant limones cum sale, qui cibus ualde extenuat.* (Parte 2, livro 3, cap. 3, cf. Castro 1617: 337). “(...) penso que para este fim as Hispalenses usam um alimento de pão e posca, ou água e vinagre, que chamam *gaspacho*, as Salmantinas, porém, em outras circunstâncias, fazem de água e espécies aromáticas, e chamam-lhe ‘*aloia*’; as Lusitanas, preocupadas com a beleza, utilizam limões com sal, alimento que emagrece muito”. Castro parece referir-se à *aloja*, bebida descrita por Gerónimo Pardo, no capítulo 17 do seu *Tratado del vino aguado y agua envinada, sobre el Aforismo 56 de la sección 7 de Hipócrates* (1661), que associa esta bebida ao hidromel dos antigos.

50 Na Parte 2, livro 4, cap. 4, cf. Castro 1617: 463: (...) *arcta alligatio, qua feminae plerumque utuntur, ut corpori uenustatem concilient, in quem etiam usum assulas ligneas, seu eburneas, ac etiam ferreas Venetae, Anglicae et Antuuerpienses ad sternum et pubem, haud sine fetus detrimento subiiciunt.* “(...) a união apertada, que as mulheres geralmente usam para conseguirem beleza para o corpo; também para este fim as mulheres de Veneza, as de Inglaterra e as de Antuérpia põem no esterno e na zona púbica, não sem prejuízo do feto, tiras de madeira ou de marfim ou até de ferro”.

51 *nec alio induantur uestimenti genere, quam leui ac laxo, nec thoracico indumento coarctentur; Scoticas ferunt simplici pallio uti, ac sine obstetrice parere.* (Parte 2, livro 3, cap. 22, cf. Castro 1617: 442) “e não usem outro género de vestimenta senão leve e larga, nem se apertem com uma peça de usar no tórax; dizem que as Escocesas usam um manto simples e que dão à luz sem parteira”. Esta informação é igualmente veiculada por Jean Le Bon, em *Therapia puerperarum*, cap. 1, part. VII, p. 397, um tratado recolhido nos *Gynaeciorum libri* e que pode ser a fonte não identificada de Castro (seguimos a edição de 1597 dos *Gynaeciorum*).

52 Parte 2, livro 4, cap. 1, cf. Castro 1617: 447.

mulheres devem comer logo depois do parto<sup>53</sup>: gemas de ovo com vinho renano (ou hispânico, se diluído em água) açúcar e canela, preparação a que as *Gallicae* chamam *chaudeau*.

A diferenciação das mulheres nórdicas relativamente às do Sul é, porém, a mais explorada e vai ao encontro do percurso de vida do autor. Podemos verificar algo semelhante relativamente aos homens, que, não sendo a matéria principal do tratado, aparecem com frequência devido ao papel que têm na reprodução. Os homens setentrionais, afirma Castro, desejam menos a união sexual porque se dedicam demasiado à embriaguez e ao ócio<sup>54</sup>. Já os *Hispani* gastam a sua energia com meretrizes, o que, associado ao facto de as mulheres *Hispanae* serem mais débeis e mais atormentadas pelas dificuldades do parto e beberem água, explica que a Hispânia seja pouco populosa<sup>55</sup>. Esta perspectiva sobre a população da Península Ibérica (ou apenas da Espanha?) é apresentada por Castro para refutar o que defendem alguns autores, por exemplo Avicena, que associam a fertilidade da Hispânia à do Egipto. Acreditava-se que nestas regiões as crianças nascidas aos sete e aos oito meses eram viáveis e as mulheres férteis. Castro, contudo, garante: “todavia, a experiência de hoje atesta o contrário”: (*tamen hodierna experientia contrarium testatur*)<sup>56</sup>.

A oposição entre norte e sul da Europa é visível também na forma como as mulheres lidam com o parto. Quando descreve a posição que a parturiente deve assumir (não deitada, nem sentada, mas com as costas um pouco elevadas), afirma que algumas mulheres dão à luz de pé, apoiando-se apenas numa cadeira ou na cabeceira da cama, outras, especialmente as *Gallicae* e as *Germanae*, fazem-no de cócoras, como referido antes, na cadeira obstétrica. O corte do cordão umbilical fazia-se também de forma diferente: as *Belgae et Germanae* cortariam logo o cordão, antes da expulsão da placenta, que coadjuvam, depois, com a aplicação de medicamentos<sup>57</sup>, mas é mais seguro fazer o que é praticado na Hispânia, isto é, não cortar imediatamente o cordão, separando-o das secundinas, “para que o feto não saia sem os invólucros”<sup>58</sup>.

Para a recuperação da puérpera, os alimentos dos primeiros dias devem ser líquidos e leves, afirma Castro. As *Gallicae*, como se disse antes, preparam *chaudeau* com gema de ovo, vinho renano, açúcar e canela. Que na base da descrição deste costume está não apenas um propósito meramente descritivo, mas uma prescrição de ordem terapêutica, prova-o a nota que acrescenta: “se for preparado com vinho hispano, este

53 Parte 2, livro 4, cap. 1, *cf.* Castro 1617: 449.

54 Parte 2, livro 3, cap. 5, *cf.* Castro 1617: 386.

55 Parte 1, livro 4, cap. 6, *cf.* Castro 1617: 197.

56 *Ibidem*.

57 Parte 2, livro 4, cap. 7, *cf.* Castro 1617: 480.

58 *securius tamen est et in Hispania usitatum, non illico umbilicum praescindere et a secundinis diuellere, ne sine inuolucris fetus exeat.* (Parte 1, livro 4, cap. 8, *cf.* Castro 1617: 204). “é, todavia, mais seguro e usado com frequência na Hispânia não cortar o cordão umbilical e não o separar das secundinas imediatamente, para que o feto não saia sem os invólucros”.

deve ser diluído em água”<sup>59</sup>. As *Lusitanae* preparam com fatias de pão, ovos, canela e mel ou açúcar, as suas *fatias*, que é hábito partilharem com as parentes e as mulheres que estiveram presentes no parto<sup>60</sup>. As mulheres belgas e as alemãs servem vinho. Estas últimas preparam *warmbier*, cerveja aquecida com pão e açúcar, um preparado a que se pode acrescentar manteiga e pão, que Castro indica e elogia em várias ocasiões: na recuperação do parto de um feto morto e de um parto difícil<sup>61</sup>; para estimular a produção de leite, as *Germanae*, enquanto amamentam, consomem este preparado como bebida e como comida<sup>62</sup>; era também utilizada para alimentar as crianças depois do desmame, o que, diz Castro, as nutre bem e as torna gordas e rubicundas<sup>63</sup>.

Depois de descrever o que as mulheres comem e bebem depois do parto, o médico lusitano, em palavras que quase repetem o texto de Luís Mercado, comenta do modo que segue estes costumes:

*Molestum semper fuit tolerare feminas, quibus enixam moderari curae est, ni enim epulis et uino liberalius indulgeant, nihil boni praestare existimant, habent etiam nescio quas leges et statuta, misericulis uehementer noxia, ipsis uero sacra, quibus neglectis prudens medicus, ea prouidere iubeat, quae necessaria fore [450] iudicauerit*<sup>64</sup>.

“Foi sempre molesto tolerar as mulheres que têm a função de cuidar da moderação daquela que deu à luz, pois, a não ser que sejam muito indulgentes em iguarias e vinho, consideram que não providenciam nada de bom. Têm também não sei que leis e estatutos, extremamente nocivos para as pobres mulheres, mas sagrados para elas próprias. Negligenciados

59 Parte 2, livro 4, cap. 1, Castro 1617: 449.

60 Castro parece descrever o modo de preparação das rabanadas ou fatias douradas, prato típico em muitas regiões do país, especialmente no Natal, conhecido também como fatias-de-parida ou fatias paridas.

61 Parte 2, livro 4, cap. 2 (Castro 1617: 445) e cap. 6 (Castro 1617: 473).

62 *Potus sit uinum nigrum, dulce, minime austerum aut album, tenue, uel certe aqua hordei, cum semine foeniculi, uel cereuisia, praesertim Hamburgensis, cui si butyrum, saccharum et panem addas, ac leuiter coquas, uix ullum reperies cibum, ex quo tantus fiat lactis prouentus; quocirca non immerito Germanis feminis toto fere lactationis tempore pro cibo simul ac potu est.* (Parte 2, livro 4, cap. 24, cf. Castro 1617: 522). “A bebida seja vinho negro, doce, muito pouco austero ou branco, fraco, ou água de cevada, com semente de funcho, ou cerveja, especialmente a de Hamburgo, à qual, se acrescentares manteiga, açúcar e pão, e se a cozeres levemente, dificilmente encontrarás algum alimento do qual se faça tanta abundância de leite: por este motivo, não sem razão serve às mulheres germânicas, durante quase todo o tempo do aleitamento, simultaneamente como alimento e como bebida”.

63 *Sufficienter autem cocta esse, cognoscitur, cum oleum uel butyrum supernatare uidetur, atque haec per Hispaniam totam est in usu, Septentrionales cereuisia utuntur, quae leuiter bullierit cum panis frustulis, butyro et saccharo, uocant warmbier qua sane pulcricula pueri bene nutriuntur, obesi euadunt et rubicundi.* (Parte 2, livro 4, cap. 29, cf. Castro 1617: 538). “Sabe-se que [a papa] está suficientemente cozida, quando o azeite ou a manteiga parecem estar em cima e esta é usada através de toda a Hispânia; as mulheres setentrionais usam cerveja, que ferveu levemente com pedaços de pão, manteiga e açúcar; chamam-lhe “warmbier” e com esta papinha as crianças são bem nutridas, ficam gordas e rubicundas”.

64 Parte 2, livro 4, cap. 1, cf. Castro 1617: 449-450.

estes, ordene o médico providente que seja providenciado o que julgar que há-de ser necessário”<sup>65</sup>.

O saber e a previdência médica opõem-se aqui às práticas femininas, associadas aos excessos e ao dano. As leis e os estatutos que Castro não identifica são, certamente, os hábitos relacionados com a vida reprodutora feminina, transmitidos de geração em geração, e domínio exclusivo das mulheres. Ainda que aqui recomende que o médico não os considere e que elabore as suas orientações com base no seu próprio juízo, o facto de os registar e de valorizar alguns deles, mostra-nos a atitude ambivalente de Castro para com as *mulierculae* e as parteiras, a quem, com frequência associa à imperícia, à superstição e à ignorância, mas que são também destinatário de muitas das recomendações e prescrições que Castro faz<sup>66</sup>. No que respeita ao tratamento das condições e doenças femininas, a oposição teoria-prática, homem-mulher, médico-parteira assume evidente densidade, já que o médico de formação universitária e imbuído dos valores humanistas que, por esta altura, caracterizam a medicina, entra em conflito com o saber das parteiras, construído com a acumulação de saber que se colhe na prática. O *physicus* humanista, instruído em Hipócrates, Aristóteles, Galeno, tantas vezes moralista e crítico, entra no domínio feminino.

Esta incursão tem antecedentes antigos e ganha novo alento primeiro com a edição, em 1525, da primeira tradução latina, feita em obediência aos critérios filológicos do humanismo, depois, em 1526, da edição aldina do texto grego da obra médica atribuída a Hipócrates. A redescoberta dos textos sobre as mulheres, pouco conhecidos durante a Idade Média, legitima uma tendência que está na base do aumento, desde meados do século XVI, do número de tratados de ginecologia publicados<sup>67</sup>. Ainda que

---

65 Compare-se com Luís Mercado, livro 4, cap. 7, p. 1063: *Graue quidem et molestum est, feminas, quibus curae est enixam moderari, perferre. Nisi enim epulis et uino liberaliter indulgeant, se nihil boni et utile enixae praestare existimant. Habent insuper nescio quas leges, quaeue statuta miserulis ita nocua, ut maiori ex parte grauiora et maiora mala inde oriri conspiciamus, quam ex ipsius partus laboribus. Quamobrem his posthabitis, prudens et generosus medicus eam aggredi prouidentiam tenetur, quam enixae fore utilem iuxta cuiusque indigentiam cognouerit.* “É certamente grave e molesto suportar as mulheres que têm a função de cuidar daquela que deu à luz. É que a não ser que sejam indulgentes em iguarias e vinho, consideram que não providenciam nada de bom e de útil à que deu à luz. Têm, além disso, não sei que leis e que estatutos tão nocivos para as pobres mulheres, que, na maioria dos casos, vemos neles terem origem males mais graves e maiores do que os sofrimentos que têm origem no próprio parto. Por esta razão, desprezadas estas, o médico providente e bom mantenha aquela providência que souber que será útil para a mulher que deu à luz, de acordo com a necessidade de cada uma”.

66 No fim do capítulo sobre as doenças agudas em género (Parte 2, livro 4, cap. 12, cf. Castro 1617: 494), por exemplo, afirma que ele próprio usou com sucesso xaropes, apózemas e clisteres quatro ou cinco dias depois do parto, perante os murmúrios contrários das mulherzinhas, que deixam as puérperas em sofrimento por considerarem que os males que as afectam têm origem no leite. Por não fazerem nada, levam a que muitas puérperas venham a ter doenças gravíssimas.

67 Cf. acerca desta matéria Green 2008: 246ss.

muitas das obras atribuídas a Hipócrates tivessem estado em circulação mais ou menos contínua, tratados como *Doenças das mulheres* e *Natureza da mulher* mostraram uma faceta até então praticamente desconhecida do médico de Cós: a do especialista em ginecologia. O *De uniuersa mulierum medicina* é também um produto deste novo interesse pela saúde das mulheres e de uma tendência evidente na medicina do tempo para a defesa da ideia de que um e outro sexo são perfeitos em si próprios e necessários um ao outro<sup>68</sup>.

## Conclusão

As práticas culturais tornam o parto um momento marcado pela variedade e pelo domínio quase exclusivo das mulheres – pelo menos do parto sem complicações – mas a presença do médico introduz um olhar escrutinador que valida umas e desaprova outras. O conjunto destas referências constrói o perfil intelectual de Rodrigo de Castro, que entre Lisboa, Évora, Salamanca, Antuérpia e Hamburgo, construiu o seu *cosmos*. A conjugação da teoria e da prática, do que o médico recebeu da tradição médica e do que ele próprio experimentou constitui um eixo importante na constituição do saber médico. Para Rodrigo de Castro, este saber é, como o hímen na obra dos autores árabes, um *cento*, resultante da confluência de vivências distintas – a do médico, a dos outros médicos, transmitida pelos textos, a das parteiras e a das mulheres – que, longe de se excluírem, se implicam mutuamente.

## Bibliografia

### Fontes

- Amato Lusitano (1567), *Amati Lusitani medici physici praestantis Curationum Medicinalium, Centuriae II priores*, Lyon.
- Castro Lusitano, R. de (1614), *Medicus-Politicus, siue de officiis medico-politicis tractatus*, Hamburgo.
- Castro Lusitano, R. de (1617, 2ª ed.), *De uniuersa muliebrium morborum medicina, nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum*, Hamburgo.
- Spach, I. (ed.) (1597, 3ª ed.), *Gynaeciorum siue de mulierum tum communibus, tum grauidarum, parientium et puerperarum affectibus et morbis libri*, Estrasburgo.
- Valleriola, F. (1555), *Enarrationum medicinalium libri sex, apud Balthassarem Constantinum ad signum Diui Georgii*, Veneza.
- Valleriola, F. (1589), *Loci medicinae communes, tribus libris digesti*, sumptibus Francisci Fabri Lugdun. & Samuelis Crispini, Lugduno.
- Ruf, J. (1554), *De conceptu et generatione hominis et iis quae circa haec potissimum consyderantur*, Excudebat Tiguri.

---

68 Sobre este assunto, vejam-se MacLean 1980: 28-46, King 2011 e Pomata 2013.

Zacuto Lusitano, A. (1649), *Zacuti Lusitani, medici et philosophi praestantissimi Operum tomus primus*, Lyon.

### Estudos

- Arrizabalaga, J. (2009), “Medical Ideals in the Sephardic Diaspora: Rodrigo de Castro’s Portrait of the Perfect Physician in early Seventeenth-Century Hamburg”, in T. Huguet-Termes, J. Arrizabalaga & H. J. Cook (eds.), *Health and medicine in Hapsburg Spain: agents, practices, representations*, *Medical History*, 53.29: 107-124.
- Bruce-Chwatt, L. J. (1984), “Ludovicus Nonnius, M. D., 1553-1645”, *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 60.9: 938-943.
- Dean-Jones, L. (1995), “Autopsia, historia and what women know: the authority of women in Hippocratic medicine” in D. G. Bates (ed.), *Knowledge and the Scholarly Medical Traditions*, Cambridge/Nova Iorque, 41-59.
- Dias, P. A. (1887-1889), “Rodrigo de Castro: Apontamentos para a biographia do creador da Gynecologia”, *Separata de Archivos de História da Medicina Portuguesa* 1 (1887): 49-53, 73-79; 2 (1888): 6-11, 40-44, 85-89, 97-102, 165-170; 3 (1889): 65-69, 106-111, 129-134, 161-167.
- Frade, F. V. & Silva, S. N. (2011), “Medicina e política em dois físicos judeus portugueses de Hamburgo: Rodrigo de Castro e o *Medicus Politicus* (1614) e Manuel Bocarro Rosales e o *Status Astrologicus* (1644)”, *Sefarad*, 71.1: 51-94.
- Frade, F. V. (2016), “Philoteo Elianus Montaltus Lusitanus, two sides of the same coin: the man and his work”, *MEAH. Sección Hebreo*, 65: 83-100.
- Friedenwald, H. (1937), “Amatus Lusitanus”, *Bulletin of the Institute of the History of Medicine*, 5.7: 603-653.
- González Manjarrés, M. A. (ed.) (2019), *Praxi theoremata coniungamus: Amato Lusitano y la medicina de su tiempo*, Madrid.
- Green, M. (2008), *Making Women’s Medicine Masculine: The rise of male authority in Pre-modern gynaecology*, Oxford.
- Hanson, A.-E. (1990), “The medical writers’ woman” in D. M. Halperin, F. Zeitlin, J. J. Winkler (eds.), *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, Princeton, 309-338.
- Kayslering, M. (1902), s. v. ‘Rodrigo de Castro’, in Isidore Singer (ed.), *The Jewish encyclopedia*, Nova Iorque, vol. 3, 611-612.
- King, H. (2011), *Midwifery, Obstetrics and the Rise of Gynaecology*, Londres.
- King, H. (2018), “Women and doctors in Ancient Greece” in N. Hopwood, R. Flemming & L. Kassell (eds.), *Reproduction: Antiquity to the present day*, Cambridge, 39-52.
- Lemos, M. (1907), *Amato Lusitano: a sua vida e a sua obra*, Porto.
- Lemos, M. (1909), *Zacuto Lusitano, a sua vida e a sua obra*, Porto.
- Lemos, M. (1991, 2ª ed.), *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, vol. 1 e 2, Lisboa.

- MacLean, I. (1980), *The Renaissance notion of Woman*, Cambridge.
- MacLean, I. (2002), *Logic, signs and nature in the Renaissance*, Cambridge.
- Meirelles, A. de A. & Affonso, D. de A. (1938), *Nobiliário das Famílias de Portugal*, tomo VIII, Braga. Consultado a 28 de Setembro, 2018, em <http://purl.pt/12151/3/>.
- Montero Cartelle, E. (dir.) (2018), *Dictionarium Latinum Andrologiae, Gynecologiae et Embryologiae ab Antiquitate usque ad XVI saeculum* (DILAGE). *Diccionario latino de Andrología, Ginecología y Embriología desde la Antigüedad al siglo XVI* (DILAGE), Barcelona-Roma.
- Pardo, G. (1661), *Tratado del vino aguado y agua envinada, sobre el Aforismo 56 de la sección 7 de Hipócrates*, Valladolid.
- Pérez Ibañez, M. J. (1997), *El humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*, Valladolid.
- Pomata, G. (2010), “Sharing cases: the *Observationes* in Early-modern medicine”, *Early Science and Medicine*, 15: 193-236.
- Pomata, G. (2013), “Was there a *Querelle des Femmes* in early modern medicine?”, *Arenal* 20.1: 313-341.
- Recio Muñoz, V. (2019), “*Cur octimestris foetus non vivit?* Amato Lusitano y los partos prematuros” in González Manjarrés, M. A. (ed.), *Praxi theoremata coniungamus Amato Lusitano y la medicina de su tiempo*, Madrid, 201-226.
- Santander Rodríguez, T. (1965), “La creación de la cátedra de Cirugía en la Universidad de Salamanca”, *Cuadernos de Historia de la Medicina Española*, 4: 191-213.
- Studemund-Halévy, M. (2009), s. v. “Castro, Rodrigo de, aliás David Namias”, in L. L. Mucznik, J. A. R. da S. Tavim, E. Mucznik & E. de A. Mea (coord.), *Dicionário do Judaísmo Português*, Lisboa, 149-150.
- Yerushalmi, Y. H. (1971), *From Spanish Court to Italian Ghetto. Isaac Cardoso: A Study in Seventeenth-Century Marranism and Jewish Apologetics*, Nova Iorque.
- Zúquete, A. E. M. (dir.) (1960), *Nobreza de Portugal e do Brasil*, tomo 3, Lisboa.